

Pétalas da vida: Uma expressão subjetiva do ser e a construção do coletivo através da junção de significados – Relato de experiência

Petals of life: A subjective expression of being and the construction of the collective through the union of meanings – Experience report

Pétalos de la vida: Una Expresión Subjetiva del Ser y la Construcción de lo Colectivo a través de la Unión de Significados – Relato de Experiencia

Recebido: 06/10/2025 | Revisado: 15/10/2025 | Aceitado: 16/10/2025 | Publicado: 17/10/2025

Filipe Novaes Camilo Moura

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7955-1945>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: lfmoura000@gmail.com

Hingrid Michele Meira Caduda

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4228-754X>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: hingrid0224@hotmail.com

Leila Maria Gomes Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4471-2964>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

E-mail: leilever@gmail.com

Resumo

O presente estudo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência do projeto os efeitos da dinâmica "Pétalas da Vida", uma intervenção grupal, que convida participantes de diferentes faixas etárias a desenharem em pétalas de papel, as quais, posteriormente, são unidas formando um grande girassol. A atividade visa levar o participante a reflexão sobre a subjetividade e o coletivo. Foi aplicada em crianças entre 6 e 9 anos no contexto do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) da ADRA – Núcleo Vinde a Mim. Através da arte, da ludicidade e do simbolismo, foram abordados temas como saúde emocional, valorização da vida, vínculos afetivos e pertencimento. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, centrada na compreensão aprofundada do fenômeno em seu contexto natural. O presente estudo apresenta os impactos da experiência dos participantes, tanto no plano individual quanto nas relações com o grupo, bem como a potencialidade da atividade para a práxis. A dinâmica favoreceu a expressão subjetiva, o apoio mútuo e a valorização da singularidade, ao mesmo tempo em que fortaleceu vínculos afetivos e o senso de pertencimento.

Palavras-chave: Ludicidade; Pertencimento; Vínculos e Expressão.

Abstract

The present study aims to present an experience report from the project "Petals of Life", a group intervention that invites participants of different age groups to draw on paper petals, which are later joined together to form a large sunflower. The activity seeks to lead participants to reflect on subjectivity and collectivity. It was carried out with children between 6 and 9 years old in the context of the Service for Coexistence and Strengthening of Bonds (SCFV) of ADRA – "Vinde a Mim" Center. Through art, playfulness, and symbolism, themes such as emotional health, appreciation of life, affective bonds, and belonging were addressed. A qualitative approach was used, focused on a deep understanding of the phenomenon in its natural context. This study presents the impacts of the participants' experiences, both on an individual level and in their relationships with the group, as well as the potential of the activity for praxis. The dynamic favored subjective expression, mutual support, and the appreciation of uniqueness, while also strengthening affective bonds and the sense of belonging.

Keywords: Playfulness; Belonging; Bonds and Expression.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo presentar un relato de experiencia del proyecto "Pétalos de la Vida", una intervención grupal que invita a participantes de diferentes edades a dibujar en pétalos de papel, los cuales posteriormente se unen formando un gran girasol. La actividad busca llevar al participante a reflexionar sobre la subjetividad y lo colectivo. Fue aplicada con niños de entre 6 y 9 años en el contexto del Servicio de Convivencia y

Fortalecimiento de Vínculos (SCFV) de ADRA – Núcleo “Vinde a Mim”. A través del arte, la ludicidad y el simbolismo, se abordaron temas como la salud emocional, la valoración de la vida, los vínculos afectivos y el sentido de pertenencia. Se utilizó un enfoque cualitativo, centrado en la comprensión profunda del fenómeno en su contexto natural. El presente estudio presenta los impactos de la experiencia de los participantes, tanto en el plano individual como en las relaciones con el grupo, así como el potencial de la actividad para la praxis. La dinámica favoreció la expresión subjetiva, el apoyo mutuo y la valoración de la singularidad, al mismo tiempo que fortaleció los vínculos afectivos y el sentido de pertenencia.

Palabras clave: Ludicidad; Pertenencia; Vínculos y Expresión.

1. Introdução

O desenvolvimento infantil é um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, sociais, afetivos e emocionais, sendo a primeira infância marcada pela presença de fatores de risco e de proteção que influenciam a formação subjetiva, como demonstrado por Martins et al. (2025). Na segunda e terceira infância, ampliam-se a independência, as habilidades socioemocionais e a capacidade cognitiva, elementos fundamentais para a construção do self (Braga & Siqueira, 2024; Papalia et al., 2013).

Nesse percurso, a constituição do sujeito ocorre em interação contínua com fatores psicossociais e políticos (Penso & Sena, 2020), mas em contextos de vulnerabilidade, a ausência de vínculos afetivos e de suporte adequado pode gerar retraimento, dificuldades de comunicação e exposição a situações de violência (Nunes, 2021).

Destaca-se, ainda, a relevância do desenvolvimento emocional, visto que a validação das emoções pela família fortalece a autoestima, a autoconfiança e o repertório de autorregulação da criança, enquanto sua ausência compromete o desempenho acadêmico e aumenta a probabilidade de sintomas físicos e psicológicos, como ansiedade, depressão e agressividade (De Souza et al., 2021).

As ações governamentais são fundamentais para a promoção da valorização da vida, pois fortalecem estratégias coletivas de cuidado e prevenção em saúde mental (Brasil, 2022a). Papalia et al. (2013) apontam que, a partir da terceira infância, as crianças tornam-se mais conscientes de si e dos outros, podendo desenvolver habilidades de expressão e manejo das emoções quando devidamente estimuladas. Nesse sentido, o olhar das crianças sobre seu território evidencia como o contexto impacta diretamente seu desenvolvimento, sendo traduzido em experiências vitais como brincar, alimentar-se e se relacionar.

Martins et al. (2025) ressaltam que os fatores de risco constituem os maiores obstáculos, enquanto Oliveira et al. (2024) alertam para o perigo da naturalização dessas condições. Ambos destacam a importância da coesão social, do brincar, das intervenções multiprofissionais e do apoio institucional e governamental como fatores de proteção, frente a desigualdades como a pobreza e a insegurança alimentar.

A escuta das crianças exige atenção às suas formas de expressão, relacionadas à percepção emocional, social, física e cognitiva. As habilidades socioemocionais, sobretudo na segunda e terceira infância, são fundamentais para o desenvolvimento integral, pois envolvem a expressão e o manejo das emoções. Sua ausência pode prejudicar a saúde mental, a adaptação social e o desempenho escolar, enquanto sua promoção fortalece resiliência, empatia, cooperação e qualidade de vida (Braga & Siqueira, 2024; Costa, 2025).

Conforme Souza e Velozo (2023), a infância foi historicamente negligenciada e as crianças tratadas como “adultos em miniatura”; apenas com avanços em pesquisas e políticas públicas a infância passou a ser reconhecida como fase singular, com direitos e necessidades próprias. Assim, o brincar consolidou-se como ferramenta indispensável ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

É através de tais brincadeiras que a autenticidade é vivenciada, e a aceitação e a compreensão das pessoas que estão no ciclo social da criança são entendidas como sendo importantes para um desenvolvimento saudável desta fase da vida, visto que as brincadeiras infantis auxiliam no desenvolvimento social (Souza & Velozo, 2023, p. 1371).

Embora o presente trabalho não tenha como foco uma abordagem psicológica específica, na ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) e na Gestalt-terapia, o essencial não são técnicas ou “truques”, mas a atitude do terapeuta, objetivando favorecer a livre expressão da criança por meio do brincar, entendido como sua primeira forma de comunicação e espaço de subjetividade (Boris, 2013; Souza & Velozo, 2023). Ainda nesse sentido, o terapeuta deve adotar uma postura ética e respeitosa diante da criança, acolhendo sua singularidade e diferença, e o processo criativo com materiais artísticos se torna um meio potente para cuidado, transformação interna e social (Vasconcelos & Souza, 2022; Franco, 2022).

Segundo Spadaro e Moreira (2024), a arteterapia e ludoterapia aplicada na infância contribuem para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, permitindo entrar em contato com emoções difíceis, enfrentamento de traumas e o fortalecimento da comunicação. Tais práticas nas fases iniciais do desenvolvimento, em que ocorrem aquisições motoras, cognitivas e socioemocionais, são essenciais para a formação da identidade, e as intervenções artísticas, por serem formas naturais de expressão e simbolização, representam recurso fundamental para comunicação e transformação social (Souza & Velozo, 2023; Cosme & Cruz, 2025).

O fortalecimento do debate sobre saúde mental evidencia a necessidade de estratégias que preservem o bem-estar psicológico, entre as quais o apoio social se destaca como recurso fundamental para vínculos adaptativos (Campos & Val, 2024). Nesse campo, Kurt Lewin introduziu o conceito de dinâmica de grupo, consolidando-o como referência na Psicologia Social (Pasqualini et al., 2021). Posteriormente, Boris (2013) ampliou essa perspectiva, destacando os grupos vivenciais como totalidades mediadas por princípios da Gestalt-terapia, que integram indivíduo e sociedade. As oficinas terapêuticas em grupo, por sua vez, constituem espaços privilegiados para práticas expressivas, artísticas e comunicativas, além de favorecerem vínculos familiares e comunitários (Vieira & Vandenbergh, 2015).

Em Salvador, Oliveira et al. (2024) realizaram entrevistas lúdicas no formato de telejornal com 15 crianças de 7 a 12 anos, revelando que elas possuem consciência crítica sobre fragilidades do território e reconhecem a importância de espaços e vínculos de apoio ao desenvolvimento. Já em Teresina, Braga e Siqueira (2024) acompanharam crianças de 5 a 12 anos em sete encontros quinzenais conduzidos com rodas de conversa, jogos, produções artísticas e recursos do filme *Divertida Mente*. As atividades promoveram reconhecimento e expressão de emoções, socialização e empatia, destacando a importância da ludoterapia e de propostas variadas para o fortalecimento de habilidades socioemocionais (Braga & Siqueira, 2024).

Cosme e Cruz (2025) investigaram nove crianças e adolescentes de 7 a 16 anos hospitalizados, utilizando jogos e entrevistas. Os resultados apontaram que o brincar reduz ansiedade e estresse, amplia a socialização e favorece vínculos com a equipe de saúde. Em serviço-escola de Psicologia, Pelisson e Sei (2023) aplicaram recursos artístico-expressivos em oito encontros semanais com crianças de 4 a 6 anos, abordando emoções, relações familiares e autoconhecimento. As intervenções reduziram agressividade e timidez, estimularam a comunicação familiar e favoreceram a elaboração simbólica, evidenciando os benefícios da arte em grupo para a saúde mental infantil.

A dinâmica de grupo “Pétalas da Vida” foi criada por este grupo de pesquisa para promover a saúde mental de crianças atendidas no núcleo Vinde a Mim, administrado pela ADRA-SP. A instituição, vinculada à Igreja Adventista do Sétimo Dia e presente em mais de 110 países, atua no desenvolvimento social e no apoio a populações em vulnerabilidade (IASD, 2023). No Brasil, oferece proteção gratuita a crianças e adolescentes, além de programas como o Sentinel, o Projeto Família Cidadã e o PETI, promovendo também a alfabetização de adultos e cursos de informática. Com infraestrutura diversificada, atende em média 150 crianças e 40 adolescentes em tempo integral (APSO, 2023).

O presente estudo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência do projeto os efeitos da dinâmica "Pétalas da Vida", uma intervenção grupal, que convida participantes de diferentes faixas etárias a desenharem em pétalas de papel, as quais, posteriormente, são unidas formando um grande girassol.

2. Metodologia / relato da experiência

Realizou-se uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa e do tipo específico de relato de experiência (Pereira et al., 2018; Gaya & Gaya, 2021). Este é um relato de experiência, trata-se de uma produção de um relato vivencial significativo oriundo da prática acadêmica e profissional que engloba os campos do ensino, pesquisa e extensão do conhecimento, atrelados ao embasamento científico reflexão crítica. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (Mussi, Flores & Almeida, 2021). A prática ocorreu no dia 19 de setembro de 2023, às 14h (horário de Brasília), no endereço: R. do Canário, 308 – Jd. Boa Esperança – Hortolândia – SP – 13183-363. O público-alvo eram crianças com faixa etária entre 6 (seis) e 9 (nove) anos de idade, participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, mantido pela ADRA – Núcleo Vinde a Mim. Das 21 crianças previstas, 15 compareceram. A dinâmica foi dividida em quatro etapas previamente programadas, com objetivos definidos para cada um dos focos: rapport, avaliação, expressividade, sensibilização e feedback, a fim de garantir maior fluidez e controle em cada processo. A atividade teve uma duração de 45 minutos.

Materiais utilizados para a confecção prévia da flor:

Os materiais utilizados para a confecção prévia do girassol incluíram três cartolinhas amarelas, uma cartolina marrom, duas folhas de papelão, cola branca, lápis de cor, lápis grafite e tesoura. Para a montagem final e fixação, foram utilizados cola branca e fita adesiva. O material base, demonstrado na Figura 1, contou com uma base de papelão, um miolo e vinte e uma pétalas de cartolina.

Figura 1 - Materiais Utilizados na Preparação da Dinâmica.



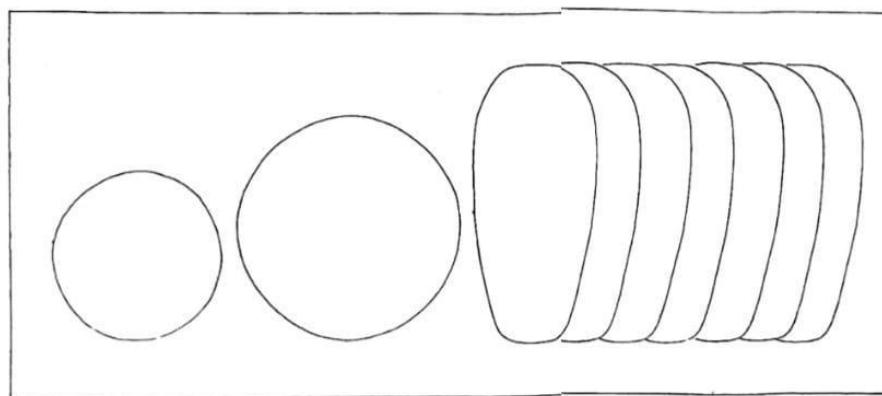
Fonte: Autores.

Passo-a-passo para a montagem do girassol:

Passo 01 – Figura 2.1

Utilizando o molde disponível no apêndice A, confeccione o miolo. Recorte o círculo e transfira-o para a folha de papelão; em seguida, recorte a mesma medida na cartolina marrom e una ambas as partes. Para a base, recorte um círculo de aproximadamente 15 cm de raio, sobre o qual a flor será montada. Utilizando o apêndice B, recorte na cartolina amarela a quantidade desejada de pétalas, recomendando-se no mínimo 10 e no máximo 20.

Figura 2.1 - Pétalas e miolo.

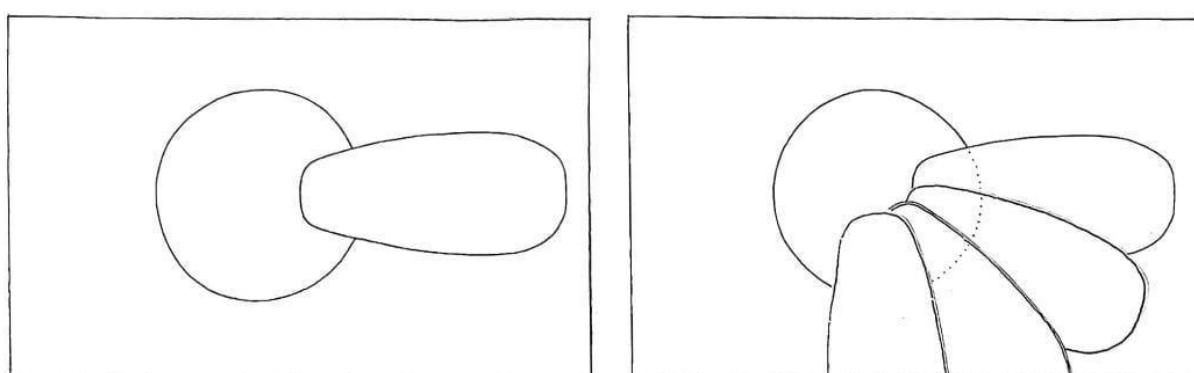


Fonte: Autores.

Passo 02 - Figuras 2.2 e 2.3

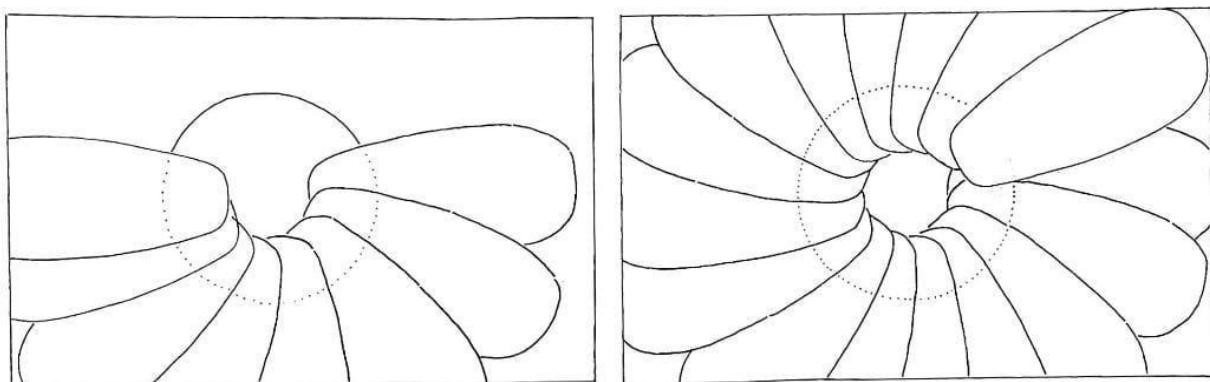
Inicie a montagem da flor colando as extremidades menores das pétalas na base (círculo maior), sobrepondo-as conforme demonstrado nas Figuras 2.2 e 2.3.

Figura 2.2



Fonte: Autores.

Figura 2.3

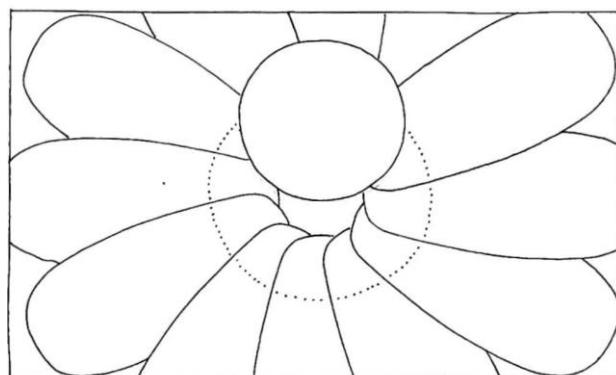


Fonte: Autores.

Passo 03 - Figuras 2.4 e 2.5

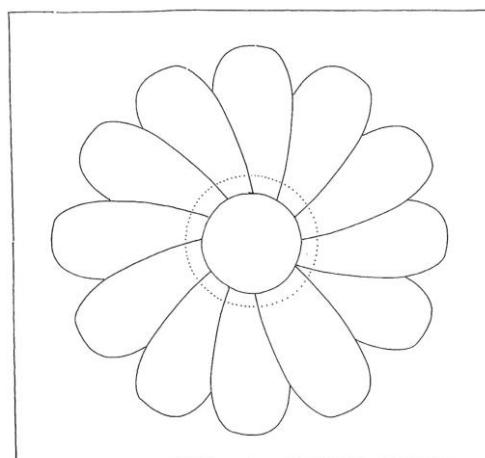
Finalize colando o miolo no centro da flor, conforme demonstrado na Figura 2.4. O resultado será o girassol completo, como apresentado na Figura 2.5.

Figura 2.4



Fonte: Autores.

Figura 2.5



Fonte: Autores.

Passo 04

Aguarde a secagem da cola (Verificar as recomendações no rótulo do produto), utilizando fita dupla face ou fita banana, exponha o trabalho no local desejado.

3. Resultados

A dinâmica foi dividida em quatro etapas previamente programadas, com objetivos definidos para cada um dos focos: rapport, avaliação, expressividade, sensibilização e feedback, a fim de garantir maior fluidez e controle em cada processo.

Primeira parte: Acolhimento - 10 minutos.

A intervenção teve início às 14h30, quando os estagiários acolheram os participantes de forma alegre e cativante, buscando estabelecer um bom contato para promover descontração e criar vínculos. Eles se apresentaram de maneira espontânea, utilizando expressões como: *“Boa tarde, pessoal! Que galerinha linda é essa? Todo mundo aqui já comeu? Já brincou hoje? Já estudou?”* As crianças reagiram de modo positivo e receptivo, demonstrando curiosidade ou surpresa diante da presença dos visitantes.

Na sequência, os estagiários apresentaram-se formalmente e explicaram o propósito de sua presença: *“Pessoal, somos estudantes também! Somos quase psicólogos. Vocês sabem o que é um psicólogo?”* Diante da pergunta, algumas crianças afirmaram não saber, outras relacionaram o psicólogo a um tipo de professor, enquanto algumas apenas balançaram a cabeça em sinal de negação. Em resposta, os estagiários esclareceram: *“O psicólogo é parecido com um professor ou com um médico que cuida da mente e das emoções. E estamos aqui para passar um tempinho com vocês!”*

Segunda parte: Avaliação - 5 minutos - explicação sobre emoções.

Posteriormente, os estagiários conduziram um momento de diálogo com as crianças, abordando temas como emoções saudáveis, emoções disfuncionais e flexibilidade emocional. Iniciaram a conversa com a pergunta: *“A gente queria falar um pouquinho com vocês sobre as emoções. Alguém aqui sabe o que são emoções?”* Algumas crianças responderam citando exemplos, como tristeza, medo e alegria, enquanto outras trouxeram relatos pessoais, por exemplo: *“Meu carrinho quebrou a roda e eu fiquei triste.”* Os estagiários acolheram as falas e seguiram com a reflexão, estimulando a participação: *“Quem aqui está feliz? Com sono? Bravo? Com preguiça? Ou triste?”*

Na sequência, explicaram: *“Emoção é a forma que o nosso corpo encontrou para demonstrar que sente um desconforto, um desejo ou que algo é bom. As emoções aparecem o tempo todo e nos mantêm atentos ao que acontece ao nosso redor. Vocês sabem como?”* As crianças reagiram com surpresa e aparente curiosidade, arriscando respostas como: *“Quando eu jogo bola eu fico feliz.”* Diante disso, o estagiário responsável pela aplicação complementou: *“Exatamente! As emoções nos mostram quando algo está bem e quando algo não está.”*

Terceira parte: Sensibilização - 5 minutos - abordar a validação e flexibilidade emocional.

Durante a continuidade da intervenção, o estagiário questionou: *“Pessoal, todo mundo aqui sente tristeza às vezes? Sente alegria? E raiva?... Mas a vida é somente triste? Ou passamos o dia todo, a semana inteira felizes, sem ao menos um dia de tristeza ou irritação? Será que ficamos a vida inteira com raiva?”* Algumas crianças responderam que em alguns dias se sentem felizes e com medo, enquanto outras afirmaram que há dias em que não sentem nada. Diante disso, o estagiário retomou

a reflexão, perguntando: “*Não sentimos nada ou apenas não estamos prestando atenção em nós mesmos?*” Nesse momento, algumas crianças riram e relataram que, às vezes, passam o dia brincando e acabam esquecendo de várias coisas.

O estagiário prosseguiu: “*A vida é cheia de altos e baixos, certo? Mas eu quero saber: quem aqui abraça o coleguinha quando ele está meio para baixo?*” As crianças levantaram as mãos, demonstrando envolvimento. Em seguida, ele perguntou: “*E quando ele está bravo? Todo mundo respeita o momento dele?*” As crianças riram, e o estagiário acrescentou: “*É importante ter respeito e empatia. Empatia é quando o colega quebra o carrinho e fica triste, e a gente se lembra de quando o nosso carrinho quebrou.*” Diante dessa explicação, as crianças sorriram e se entreolharam, sugerindo compreensão do tema.

Quarta parte: Os sonhos, as emoções e o pertencimento - 5 minutos - Convite para a atividade.

Os estagiários perguntaram: “*Quem aqui tem sonhos?*” As crianças reagiram de imediato, levantando-se com entusiasmo e gritando, com as mãos para o alto: “*Eu! Eu!*” A maioria dos meninos expressou o desejo de ser jogador de futebol, enquanto outros mencionaram profissões como pedreiro e policial. As meninas relataram o desejo de ter roupas, viajar ou ganhar brinquedos. Algumas crianças falaram sobre a vontade de rever um familiar, e outras sobre comer algo que haviam visto na televisão.

Os estagiários reconheceram o valor desses relatos e reforçaram a importância de compartilhar: “*Olha só quantos sonhos e quantas histórias! Vocês ouviram o que os coleguinhas de vocês disseram? Vocês já conheciam os sonhos uns dos outros? Um sonho é como uma estrela que temos dentro de nós e que nos ilumina nos dias mais escuros, sabiam disso?*” As crianças, mais uma vez, sorriram e trocaram olhares entre si.

Na sequência, foram convidadas a participar de uma atividade prática com folhas em formato de pétalas, lápis de cor, tintas e materiais para colagem. O estagiário explicou: “*Muito bem! Vamos entregar uma folha para cada um de vocês. Agora, queremos que pensem sobre tudo o que conversamos e desenhem o que quiserem. Essa folha representa vocês! Fiquem à vontade para mostrar o que tiverem vontade.*”

Quarta parte: Montagem do girassol e desfecho - 10 minutos.

Os estagiários anunciaram o fim do tempo e convidaram as crianças ao centro da sala para formar um círculo em torno de uma mesa disponível e, uma a uma, foram orientadas a entregar a sua folha decorada para colar na base redonda disposta sobre a mesa. As crianças demonstraram curiosidade e surpresa perguntando mutuamente sobre o que iria acontecer.

Conforme as últimas pétalas eram coladas, o estagiário responsável conduziu uma reflexão: “*Pessoal, vocês lembram o que eu falei sobre os sonhos? Os sonhos são como as estrelas que carregamos dentro de nós, certo? Vocês sabem do que o mundo é feito? De sonhos!*” Ao fixar a última pétala, ele anunciou: “*Olha só o que vocês construíram juntos!*” As crianças responderam em coro: “*É uma flor, tio? Um girassol!*” como demonstrado na Figura 3.

O estagiário prosseguiu: “*Pessoal, vocês conhecem a história do girassol? Eles têm esse nome porque giram acompanhando o Sol, sempre perseguinto a luz. Mas e nos dias cinzentos e de chuva, o que acontece com eles? As flores ficam todas murchas para baixo, certo?*” As crianças responderam afirmativamente, mas o estagiário explicou: “*Não! Elas olham umas para as outras, porque acreditam que estão cercadas de sóis!*” Nesse momento, as crianças olharam para a flor construída e algumas confirmaram que ela realmente lembrava um sol.

Por fim, o estagiário concluiu: “*Olha como cada pétala foi importante para formar um sol, um girassol! E, assim como o girassol da história, quando dividimos nossas emoções e nossos sonhos em um lugar seguro, permitimos que os outros possam nos acolher e oferecer aquilo de que precisamos no momento: a luz do outro. Somos todos como girassóis, mas também podemos ser o Sol de alguém!*” Ao final da atividade, o girassol foi colado na parede, conforme Figura 4 e os estagiários receberam um

feedback satisfatório das crianças. Elas verbalizaram ter gostado do girassol; algumas procuraram seu desenho entre os demais e outras relataram que um colega gostaria de ter participado.

A seguir, a Figura 3 apresenta a montagem do girassol:

Figura 3



Fonte: Autores.

A seguir, a Figura 4 apresenta a montagem do girassol:

Figura 4



Fonte: Autores.

4. Discussão

Foco A

Expressividade subjetiva por meio da arteterapia e ludoterapia. Baseia-se na utilização de recursos artísticos e lúdicos como vias de expressão subjetiva de crianças em situação de vulnerabilidade social. Essas práticas favorecem a reflexão sobre os fenômenos da vida e sobre as próprias emoções, ao mesmo tempo em que fortalecem vínculos, promovem o sentimento de pertencimento e incentivam o apoio mútuo no grupo. Justifica-se pelo potencial que a arteterapia e a ludoterapia oferecem na criação de um espaço seguro e criativo, em que os indivíduos possam elaborar suas vivências, ressignificar experiências e desenvolver formas mais saudáveis de enfrentamento diante das adversidades.

Foco B

Responsabilidade social e papel transformador do psicólogo. Fundamenta-se no dever da sociedade de oferecer apoio e cuidado consistentes às crianças e adolescentes, criando ambientes que favoreçam seu desenvolvimento pleno. Nesse sentido, o psicólogo atua como agente de transformação social, promovendo condições para que os indivíduos desenvolvam maior capacidade de lidar com as demandas e desafios do ambiente, fortalecendo a autonomia e sentido e valorização da vida. Neste trabalho, a proposta é justamente apresentar uma forma prática dessa atuação, evidenciando como o psicólogo pode concretizar seu papel de agente de transformação por meio de atividades grupais e expressivas, como a dinâmica “Pétalas da Vida”.

Sabe-se que o desenvolvimento infantil constitui um processo dinâmico e multifacetado, que integra aspectos cognitivos, sociais, afetivos e emocionais. Dentro desse processo que envolve diversas etapas, o desenvolvimento emocional ocupa papel de destaque, pois está diretamente relacionado à formação da identidade das crianças, à construção dos vínculos afetivos e à capacidade de interagir com o mundo ao seu redor. Durante a infância, a criança passa a descobrir e nomear suas emoções, necessitando também do auxílio de seus genitores para regulá-las de maneira adequada. Tais etapas são fundamentais para o desenvolvimento de competências socioemocionais (De Souza, Ferreira, & De Souza, 2021; Papalia et al., 2013).

A prática lúdica surge com notável relevância, especialmente sob a perspectiva sociocultural, pois ressalta o papel essencial do brincar no desenvolvimento infantil e no processo terapêutico. Souza e Velozo (2023) lembram que, historicamente, a infância foi negligenciada e as crianças vistas como “adultos em miniatura”; foi somente com o avanço das pesquisas e das políticas públicas que a sociedade reconheceu a infância como uma fase singular, com direitos e necessidades próprias. Nesse contexto, o brincar passou a ser entendido como ferramenta fundamental para o crescimento emocional, social e cognitivo.

É através de tais brincadeiras que a autenticidade é vivenciada, e a aceitação e a compreensão das pessoas que estão no ciclo social da criança são entendidas como importantes para um desenvolvimento saudável, visto que as brincadeiras infantis auxiliam no desenvolvimento social (Souza & Velozo, 2023, p. 1371).

No entanto, tais potencialidades se veem tensionadas em cenários de vulnerabilidade, que podem fragilizar vínculos e limitar experiências significativas, pois a escuta das necessidades da criança só se torna efetiva quando mediada por sua capacidade de se expressar, a qual está diretamente relacionada à forma como se percebe emocional, social, física e cognitivamente. Segundo Braga e Siqueira (2024), a ausência dessas habilidades impacta negativamente a saúde mental, a adaptação social e o desempenho escolar, enquanto sua promoção contribui para resiliência, empatia, cooperação e qualidade de vida. Costa (2025) complementa que as atividades lúdicas ajudam a desenvolver empatia, cooperação, resiliência e capacidade de lidar com frustrações e conflitos, além de funcionarem como espaço de expressão emocional e fortalecimento da autoestima.

Juntamente com a ludoterapia, a arteterapia é reconhecida como prática integrativa. Ela utiliza diversas linguagens artísticas (plástica, sonora, literária, dramática e corporal) para promover saúde mental, reabilitação psicossocial e

desenvolvimento interpessoal. Aplicada em contextos institucionais públicos e privados, é conduzida por psicólogos e outros profissionais, com foco na expressão criativa e subjetiva do indivíduo. Segundo Spadarotto e Moreira (2024), a arteterapia teve influências da psicanálise freudiana e da psicologia analítica junguiana, bem como dos pioneiros brasileiros Nise da Silveira e Osório César, que humanizaram o tratamento em psiquiatria, tornando a prática reconhecida nacionalmente e parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) do SUS. A atuação do arteterapeuta envolve estimular o uso de materiais diversos em processos criativos, onde a escolha dos recursos e a produção artística refletem a relação do indivíduo com o mundo, funcionando como meio de cuidado, ressignificação e reinserção social (Franco, 2022).

Spadarotto e Moreira (2024), ao investigarem a arteterapia como ferramenta terapêutica na infância, destacaram seus benefícios no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Evidenciaram que, assim como a ludoterapia, a arteterapia é apresentada como um campo interdisciplinar que une arte e psicologia, permitindo a expressão de emoções difíceis de verbalizar, o enfrentamento de traumas e o fortalecimento da comunicação (Spadarotto & Moreira, 2024).

Neste sentido, os trabalhos envolvendo a arteterapia podem ser realizados com diferentes públicos, como crianças, idosos, adultos, adolescentes e pessoas com deficiência, em grupo ou individualmente. O objetivo é estimular e auxiliar o paciente a utilizar técnicas expressivas, verbais ou não-verbais, podendo contar com a utilização de lápis de cor, diferentes tipos de papéis, tintas e telas. O processo todo envolve levar em consideração desde o material previamente selecionado até a produção finalizada, pois a relação do indivíduo com o contexto influencia diretamente como ele expressa sua arte e como esses estímulos externos agem em sua imaginação (Franco, 2022).

A arte ajuda o indivíduo a se autoconhecer e se comunicar de outra maneira que não seja a verbal, já que, algumas vezes, se comunicar verbalmente não é suficiente para expressar seus sentimentos de forma íntegra. A criação artística pode auxiliar para que isso aconteça, permitindo que o indivíduo consiga expressar mais de seu mundo interno, mesmo que não tenha muito conhecimento consciente desses sentimentos (Franco, 2022, p. 1).

A postura do terapeuta é central no trabalho com crianças, visto que o brincar, embora seja sua forma natural de expressão, não deve reduzi-las às categorias do adulto. Vasconcelos e Souza (2022) destacam a responsabilidade pelo Outro, que implica abertura ao inesperado e reconhecimento da criança como sujeito singular. Nesse encontro, o terapeuta não controla totalmente o processo, podendo vivenciar frustrações e inseguranças diante da alteridade infantil. Esse deslocamento do lugar de “saber” para o de aprender configura o chamado “trauma ético”, no qual o confronto com a diferença convoca a uma escuta respeitosa e não dominadora (Vasconcelos & Souza, 2022).

Assim, mais do que apenas técnicas ou truques, a ludoterapia e a arteterapia configuram-se enquanto espaços relacionais em que a prática terapêutica se torna inventiva e a singularidade infantil encontra reconhecimento, evitando reduções do olhar adulto (Vasconcelos & Souza, 2022). Nesse sentido, a proposta *Pétalas da Vida* dialoga com tais abordagens ao estimular produções individuais e coletivas que expressam sonhos, medos e desejos, abrindo caminho para a elaboração subjetiva.

Neste sentido, o estudo de Pelisson e Sei (2023) investigou um grupo terapêutico com crianças de 4 a 6 anos em um serviço-escola de Psicologia, utilizando histórias e recursos artístico-expressivos em oito encontros semanais. As queixas envolviam dificuldades de expressão emocional, agressividade, timidez e apego excessivo. Os resultados evidenciaram avanços socioemocionais, como melhora da comunicação entre pais e filhos, fortalecimento de vínculos e maior cooperação entre participantes. O grupo configurou-se como espaço seguro e criativo, favorecendo empatia, elaboração simbólica e promoção da saúde mental infantil (Pelisson & Sei, 2023).

O fortalecimento do debate sobre saúde mental evidencia a necessidade de estratégias voltadas à preservação do bem-estar psicológico. Nesse contexto, o apoio social se configura como um recurso fundamental nas relações interpessoais, capaz

de ampliar sua qualidade funcional e promover emoções e comportamentos adaptativos, ao favorecer a percepção de suporte oferecido por outras pessoas ou grupos (Campos & Val, 2021).

Um dos manejos de cuidado na saúde mental é a dinâmica de grupo. O psicólogo Kurt T. Lewin foi pioneiro ao introduzir o conceito de “dinâmica de grupo” nas ciências sociais, conferindo-lhe identidade e reconhecimento na Psicologia Social norte-americana. Suas teorias possuem importância histórica para o desenvolvimento da ciência psicológica, mantendo-se até os dias atuais como referência fundamental (Pasqualini et al., 2021).

A relação entre dinâmicas de grupo e saúde mental possui caráter histórico, acompanhando a criação de novas modalidades de cuidado. Vieira e Vandenbergh (2015) destacam que oficinas terapêuticas constituem espaços privilegiados para práticas expressivas e comunicativas, como atividades artísticas, alfabetização e desenvolvimento de habilidades corporais. Além disso, múltiplas estratégias grupais, como atendimentos familiares, psicoterapias de grupo e assembleias, fortalecem vínculos e promovem saúde mental. Tais atividades possibilitam experimentar papéis, negociar regras e construir pertencimento. Nesse sentido, a *Pétalas da Vida* exemplifica a aplicação prática dessa perspectiva, ao valorizar cada contribuição individual como parte essencial do coletivo (Pasqualini et al., 2021; Vieira & Vandenbergh, 2015).

Segundo Boris (2013), os grupos vivenciais evoluíram do foco nos relacionamentos interpessoais para a compreensão do processo grupal como totalidade. Essa mudança incorporou princípios da Gestalt-terapia, como a visão do todo, e da dinâmica de grupo, com a noção de campo. Assim, os grupos passaram a ser entendidos como mediadores das relações entre indivíduo e sociedade. No caso da dinâmica do girassol, a construção coletiva das pétalas representa a interdependência, reforçando a ideia de que cada criança é parte essencial de um todo maior (Boris, 2013; Pelisson & Sei, 2023).

Visando à melhoria da qualidade de vida no âmbito da saúde mental, a dinâmica de grupo “*Pétalas da Vida*” foi elaborada por este grupo de pesquisa, a fim de contribuir com a promoção da saúde em crianças no núcleo *Vinde a Mim*, administrado pela ADRA-SP, uma instituição vinculada à Igreja Adventista do Sétimo Dia, presente em mais de 110 países e voltada ao desenvolvimento social e apoio a populações em situação de vulnerabilidade (IASD, 2023). No Brasil, destaca-se por oferecer proteção gratuita a crianças e adolescentes, além de programas como o Sentinel, de combate ao abuso sexual infanto-juvenil, o Projeto Família Cidadã e o PETI. A instituição também promove alfabetização de adultos e cursos de informática, dispondo de infraestrutura diversificada e atendendo, em média, 150 crianças e 40 adolescentes em tempo integral (APSO, 2023).

A intervenção iniciou-se com um momento de acolhimento, em que os estagiários buscaram criar vínculo de forma alegre e espontânea. Utilizaram perguntas descontraídas como: “Boa tarde, pessoal! Que galerinha linda é essa? Todo mundo aqui já comeu? Já brincou hoje? Já estudou?”, o que despertou risadas, curiosidade e receptividade nas crianças. Ao se apresentarem como “quase psicólogos”, perguntaram se sabiam o que era essa profissão. Algumas responderam que não sabiam, outras compararam a um professor e algumas apenas balançaram a cabeça em negação. Diante disso, os estagiários explicaram que o psicólogo “é parecido com um professor ou com um médico que cuida da mente e das emoções”, favorecendo o entendimento inicial sobre sua função. O vínculo, principalmente em atividades com crianças, é de enorme importância, pois, por meio dele, elas sentem-se mais confortáveis e confiantes para se expressarem e se desenvolverem de maneira segura (Oliveira et al., 2024; Pelisson & Sei, 2023). A ludicidade é fundamental na formação da criança, pois, segundo Souza e Velozo (2023), ela atua ampliando sua consciência enquanto construção de saberes, e o psicólogo exerce um papel ativo na facilitação do desenvolvimento infantil.

Na etapa seguinte, de cinco minutos, os estagiários propuseram uma breve avaliação das emoções, perguntando: “Alguém aqui sabe o que são emoções?”. As crianças responderam citando exemplos como tristeza, medo e alegria, e uma delas compartilhou: “Meu carrinho quebrou a roda e eu fiquei triste”. A partir dessas falas, os estagiários reforçaram a importância das emoções e perguntaram: “Quem aqui está feliz? Com sono? Bravo? Com preguiça? Ou triste?”, o que gerou engajamento e

respostas diversificadas. Explicaram ainda que “as emoções aparecem o tempo todo e nos mantêm atentos ao que acontece ao nosso redor”, favorecendo a compreensão da função adaptativa das emoções. Durante a infância, a criança passa a descobrir e nomear suas emoções, bem como necessita do auxílio dos adultos para regulá-las de maneira adequada; o acolhimento e validação das emoções pelas figuras de cuidado fortalecem autoestima, autoconfiança e autorregulação (De Souza, Ferreira, & De Souza, 2021; Papalia et al., 2013).

Reconhecer e validar as emoções de uma criança não significa, equivocadamente, “mimá-la” ou deixar de lado intervenções adequadas de manejo comportamental quando necessárias. Trata-se, antes, de reconhecer e acolher aquilo que ela sente, especialmente em momentos de crise ou desalento. Quando a criança percebe que suas emoções são ouvidas e legitimadas, ela amplia seu repertório interno para aprender a se autogerir. Por outro lado, como apontam De Souza, Ferreira e De Souza (2021), quando não encontra meios seguros para expressar ou externalizar seus conflitos emocionais, sua capacidade de lidar com situações difíceis, perdas ou frustrações se fragiliza, pois não dispõe de estratégias suficientes para o enfrentamento ou de uma rede de apoio sólida. Essa ausência de recursos pode representar riscos significativos ao desenvolvimento e à vida do indivíduo em longo prazo (De Souza et al., 2021).

Na terceira parte, voltada à sensibilização, os estagiários incentivaram a reflexão sobre a diversidade das emoções e sua transitoriedade. Perguntaram: “A vida é somente triste? Ou passamos o dia todo, a semana inteira felizes, sem ao menos um dia de tristeza ou irritação? Será que ficamos a vida inteira com raiva?”. As crianças responderam que às vezes sentem medo, felicidade ou até que, em alguns dias, “não sentem nada”. Diante disso, os estagiários questionaram: “Não sentimos nada ou apenas não estamos prestando atenção em nós mesmos?”, o que provocou risos e comentários sobre momentos de distração durante as brincadeiras. O diálogo seguiu com exemplos de empatia: “Quem aqui abraça o coleguinha quando ele está meio para baixo? E quando ele está bravo, todo mundo respeita o momento dele?”. Muitas crianças riram, mas compreenderam a explicação: “Empatia é quando o colega quebra o carrinho e fica triste, e a gente se lembra de quando o nosso carrinho quebrou”. Atividades grupais, envolvendo rodas de conversa, jogos e produções lúdico-artísticas, fortalecem a consciência intra e interpessoal, a resiliência, a empatia, a cooperação e a expressividade, especialmente em crianças a partir da terceira infância (Braga & Siqueira, 2024; Costa, 2025; Papalia et al., 2013).

Na quarta etapa, os estagiários abriram espaço para a fala sobre esperança e sonhos, perguntando: “Quem aqui tem sonhos?”. Imediatamente, as crianças levantaram as mãos e se manifestaram com entusiasmo, relatando desejos diversos, desde brinquedos, profissões, situações cotidianas (como comer algo visto na televisão) até vontades ligadas ao afeto, como rever familiares. Os estagiários valorizaram cada relato e trouxeram uma metáfora inspiradora: “Um sonho é como uma estrela que temos dentro de nós e que nos ilumina nos dias mais escuros”. Em seguida, entregaram pétalas de papel para que cada criança pudesse desenhar ou colar algo que representasse seu sonho, promovendo um espaço de expressão individual e criativa. Segundo Spadarotto e Moreira (2024), a prática da arteterapia incentiva a imaginação e a criatividade, possibilitando testar novas ideias, perspectivas e soluções para problemas. Além disso, o contato com a arte favorece a sensação de realização, promovendo um senso de competência e melhoria da autoestima, permitindo que as crianças se expressem de maneira única e pessoal. Pelisson e Sei (2023) complementam que as práticas lúdico-artísticas proporcionam prazer e leveza no compartilhamento vivencial das crianças, além de fortalecer vínculos e a comunicação coletiva.

Na etapa final, as crianças colaram suas pétalas reunidas formando o girassol e expressaram surpresa: “É uma flor, tio? Um girassol!”. Nesse momento, os estagiários contaram a metáfora do girassol, explicando que a planta acompanha o astro, mas, nos dias nublados, “olha para as outras flores, porque acredita que está cercada de sóis”. Essa explicação despertou sorrisos e olhares de reconhecimento, demonstrando que compreenderam a mensagem de pertencimento e apoio mútuo. A atividade foi finalizada com a reflexão de que “assim como cada pétala foi importante para formar o girassol, cada um também é essencial

para o grupo e pode ser o sol de alguém”. Promover saúde mental na infância envolve incentivar o potencial criativo, valorizando o prazer do fazer artístico e a materialização de imagens internas. Nas intervenções grupais, a arte atua como recurso transformador e inclusivo, minimizando diferenças etárias e cognitivas e estreitando laços por meio da criatividade, da imaginação e do vínculo (Pelisson & Sei, 2023). Nesse sentido, o manejo terapêutico adequado pode se mostrar um facilitador da proximidade, abertura, respeito mútuo e busca de pertencimento. Como afirmam os autores, “uma criança psicologicamente livre pode crescer de maneira mais construtiva e criativa em relação àquela que aplica as suas energias em uma luta para atingir o status de pessoa” (Vasconcelos & Souza, 2022, p. 4).

O presente trabalho investigou os efeitos da dinâmica “Pétalas da Vida”, realizada com crianças de 6 a 9 anos no SCFV da ADRA – Núcleo Vinde a Mim, a qual consistiu na produção de pétalas de papel que, reunidas, formaram um girassol, possibilitando reflexões sobre subjetividade e coletividade. A atividade integrou acolhimento, exploração de emoções, sensibilização, expressão de sonhos e uma construção coletiva que, por meio da ludicidade, despertou interesse, promoveu participação e fortaleceu vínculos. As falas das crianças revelaram envolvimento, curiosidade e compreensão, sendo a finalização com o girassol símbolo não apenas de sonhos individuais, mas também da união e do pertencimento no grupo. A experiência favoreceu a expressão subjetiva, o apoio mútuo e a ressignificação de vivências em um espaço seguro e criativo, demonstrando o potencial da arteterapia e da ludoterapia como instrumentos de fortalecimento emocional e social. Nesse sentido, evidenciou-se também o papel transformador do psicólogo ao promover práticas que ampliam a autonomia e o sentido de vida nas crianças (Braga & Siqueira, 2024; Costa, 2025; Vasconcelos & Souza, 2022).

Sugere-se a aplicação da dinâmica “Pétalas da Vida” em contextos educacionais, com crianças e adolescentes, bem como em ambientes organizacionais e sociais voltados a adultos que demandem a construção de vínculos e a expressão de forma não invasiva. Por possuir uma base lúdico-artística e, mediante manejo adequado sustentado na ética, a atividade possibilita uma contribuição individual segura e fortalece tanto o senso de pertencimento quanto a autoestima individual e coletiva.

5. Conclusão

Em conclusão, a análise teórica evidencia que ludicidade, arteterapia e dinâmicas de grupo se entrelaçam na promoção da saúde emocional e no fortalecimento de vínculos, e a dinâmica Pétalas da Vida materializou tais princípios ao unir expressão individual e pertencimento coletivo, oferecendo às crianças uma vivência simbólica em que cada contribuição singular foi valorizada no todo. Contudo, reconhece-se que, em instituições de acolhimento, a escassez de recursos, tempo e preparo técnico pode limitar tais práticas, além de suscitar emoções que exigem manejo emergencial. Por isso, a postura ética do facilitador mostrou-se indispensável, e os estagiários atuaram com rigor e cuidado, priorizando a promoção da consciência emocional e do senso de pertencimento mútuo. Através do desenho, os participantes foram encorajados a expressar seus sentimentos, sonhos, desejos e conflitos, explorando o mundo subjetivo de cada indivíduo. Após o recolhimento de todas as pétalas, as crianças foram convidadas ao centro da sala para formarem um círculo em volta de uma mesa disponível, e assim descobrirem juntos o motivo das pétalas ao montarem o girassol. Ao fim foi realizada uma devolutiva em forma de reflexão acerca dos temas: rede de apoio emocional, vínculos afetivos, expressão de sentimentos, valorização da vida e pertencimento.

Referências

- APSO - Associação Paulista Sudoeste. (2023). *ADRA Núcleo Vinde a Mim*. ADRA. <https://adra.apso.net.br/nucleo-vinde-amim/>
- Boris, G. D. J. B. (2013). *Grupos vivenciais e cooperação: Uma perspectiva gestáltica*. Intermeios.
- Braga, F. M., & Siqueira, C. (2024). A promoção de habilidades socioemocionais de crianças em uma comunidade: Um relato de experiência desenvolvido em um grupo de reforço escolar. *Revista Polis e Psique*, 14, e024006. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.138283>

Brasil. Ministério da Saúde. (2022a, novembro 21). *Ações do Ministério da Saúde*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/saude-de-a-a-z/suicidio-prevencao/acoes-do-ministerio-da-saude>

Campos, R. T. O., & Val, M. D. (2024). Efeito de grupos de apoio entre pares na saúde mental de estudantes da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 48(4), e108. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v48.4-2023-0065>

Cosme, A. L. S., & Cruz, G. V. S. F. (2025). Ludoterapia: O brincar no hospital e a saúde mental infantojuvenil. *Revista Aracê*, 7(4), 17787–17804. <https://doi.org/10.56238/arev7n4-126>

Costa, A. F. S. (2025). As interações e as brincadeiras na educação infantil: Contribuições para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. *Revista Foco*, 18(7), 1–18. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n7-099>

De Souza, J. B., Ferreira, J. C., & De Souza, J. C. P. (2021). A importância da validação das emoções das crianças. *Research, Society and Development*, 10(10), e479101018940. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18940>

Franco, T. B. (2022). *A arteterapia como instrumento benéfico para pessoas com transtornos psicológicos* (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia). Universidade São Francisco.

Gaya, A. C. A & Gaya, A. R. (2018). Relato de experiência. Editora CRV.

IASD - Igreja Adventista do Sétimo Dia. (2023). *Sobre a ADRA Brasil*. ADRA. <https://adra.org.br/sobre-nos/>

Martins, I. M., et al. (2025). Fatores de risco e proteção ao desenvolvimento na primeira infância: Revisão de escopo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 25, e20240166. <https://doi.org/10.1590/1806-930420250000166>

Mussi, R. F. F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. (2021). *Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico*. Revista Práxis Educacional, 17(45), 63–82. <https://doi.org/10.22481/praxedu.v17i45.8362>

Nunes, A. K. (2021). *Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade: Intervenções possíveis por meio da ludicidade* (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Oliveira, F. A., Palombo, C. N. T., Silva, M. A., & Oliveira, C. V. R. (2024). Olhares da criança para o território: Perspectivas para o desenvolvimento infantil. *Cogitare Enfermagem*, 29, e95825. <https://doi.org/10.1590/ce.v29i0.95825>

Papalia, D. E., Feldman, R. D., & Martorell, G. (2013). *Desenvolvimento humano* (12a ed., pp. 356–357). AMGH.

Pasqualini, J. C., Martins, F. R., & Euzébios Filho, A. (2021). A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: Proposições, contexto e crítica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 26(2), 161–173. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210016>

Pelisson, G. S., & Sei, M. B. (2023). Grupo com crianças e o uso de recursos artístico-expressivos: Um estudo qualitativo. *Vínculo*, 20(2), 116–126. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v20n2a4>

Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.

Rosa, M. E. P. Q., Grando, L., Schliemann, A. L., & Mota, C. R. (2024). Arteterapia como suporte terapêutico oncológico pediátrico. *Challenges and Research in Health Sciences: A Multidisciplinary Approach*, 1–17. <https://doi.org/10.56238/sevened2024.012-064>

Souza, L. M., & Velozo, L. S. (2023). Ludoterapia centrada na criança: A importância do brincar no setting terapêutico. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(8), 1370–1380. <https://doi.org/10.51891/rease.v9i8.10934>

Spadarotto, M. M., & Moreira, L. C. M. (2024). A arteterapia na infância. *Cadernos de Psicologia*, 6(11), 846–865.

Vasconcelos, A., & Souza, S. (2022). Ludoterapia e alteridade: Uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas. *Psicologia em Estudo*, 27, e47800. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.47800>

Vieira, É. D., & Vandenberghe, L. (2015). Entre o psicodrama e a Gestalt-terapia: Encontros, obstáculos e perspectivas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(3), 151–160. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150017>